

Algumas palavras aos jovens irmãos na Rússia¹

Segunda quinzena de abril de 1969, Genebra.

Vocês se levantaram novamente. Então, não puderam enterrar-vos. Esse espírito destrutivo do Estado que vos anima não é, portanto, o produto efêmero de uma exaltação juvenil, mas a expressão de uma necessidade vital e de uma verdadeira paixão. Ele surge das próprias profundezas da vida popular.

Se vossas tendências revolucionárias fossem apenas uma doença exterior, passageira, um simples comichão de uma vaidade juvenil, os meios heroicos que nosso governo paternal empregou para curar-vos teriam sido, depois de tanto tempo, bem sucedidos. Há muito tempo, renunciando à perigosa mania de pensar, renunciando a tudo que é humano no homem, vocês teriam se tornado, entre esta multidão de brutos oficiais e titulados, que saqueiam o povo e devoram o país, os novos brutos. Teriam merecido o nome de patriotas do Império de todas as Rússias.

A juventude desclassada e letrada da Rússia, jovem como é, já suportou muitas tempestades. Em nossos dias, sob o regime ingenuamente despótico do Imperador Nicolau, seriam necessários mais de vinte anos para passar por metade das provações que vocês passaram nesses últimos oito ou nove anos.

Após os incêndios de 1861, durante e após a insurreição polonesa e sobretudo desde o ato realizado por Karakosoff, este bom Imperador Alexandre não poupou seus esforços para completar vossa educação política. Encorajado, entusiasmado por toda a nossa literatura patriótica, pelos eslavófilos e pan-eslavistas assim como pelos partidários da civilização burguesa do ocidente, por nossos fazendeiros e ao mesmo tempo nossos liberais, ele utilizou largamente contra vocês todos os meios que lhe foram negados pelos Tártaros, e que, mais tarde, foram tão bem aperfeiçoados pela ciência burocrática dos alemães: bastões, varas, torturas, morte na forca e morte pela fome, prisão perpétua, exílio em massa e trabalhos forçados, ele utilizou todos para medir sua força, sua vontade obstinada, sua fé na causa do povo.

Nada vos abalou, vocês se mantiveram, então são fortes. Muitos de nossos camaradas pereceram. Mas por cada vítima enterrada, dez novos combatentes surgiram da terra... Assim, o fim deste infame Império de todas as Rússias está próximo.

De onde retiram sua força e sua fé? Uma fé sem Deus, uma força sem esperanças e sem propósito pessoal? Onde encontram essa força de condenar conscientemente ao nada toda vossa existência e de enfrentar a tortura e a morte sem vaidade e sem discursos? Onde está a fonte desse impiedoso pensamento de destruição e dessa resolução friamente apaixonada diante da qual se apavora o espírito e esfria o sangue nas veias de nossos

¹ **Fonte:** CD-ROM Bakounine: Ouvres Completes, IHS de Amsterdã, 2000. **Tradução ao português:** Luciana Ribeiro de Brito, membra do Conselho Editorial do Projeto Obras Completas Mikhail Bakunin.

adversários? Nossa literatura oficial e oficiosa que pretende exprimir o pensamento do povo russo se paralisa desconcertada diante de vocês. Ela já não compreende nada.

Se vocês fossem servos fieis do Imperador e do Estado, espiões, carrascos, ladrões particulares ou públicos com e sem violação, canalhas bem intencionados, liberais servis, degoladores de camponeses ou de poloneses, se tivessem causado a morte de milhares ou dezenas de milhares de seres humanos, essa querida literatura vos teria compreendido e anistiado, e por pouco que tivessem os meios e a vontade de provar vossa gratidão aos redatores de jornais, eles vos teriam declarado os salvadores do Império, tal como fizeram com Muraviev, o carrasco. Tudo isso na civilização bizantino-tártara e germano-burocrática de nosso Estado é coisa costumeira, nada disso se opõe ao patriotismo oficial e oficioso do Império de todas as Rússias.

Se vocês fossem uma juventude idealista, doutrinária ou sentimental; se vocês se divertissem a sonhar com a ciência e a arte, com a liberdade e a humanidade em teoria, em suas conversas ou em livros, ela ainda os anistiará; porque os dignitários veteranos dessa literatura corrompida já tiveram também sua juventude. Eles também sonharam quando eram ainda apenas estudantes. Entusiastas das belas teorias, eles também juraram dedicar suas vidas ao culto do ideal, aos feitos nobres, ao serviço da liberdade e da humanidade. Depois veio a experiência, uma experiência adquirida no mundo mais abjeto que se possa imaginar, e sob influência desse mundo, tornaram-se aquilo que são hoje, uns canalhas. Mas eles se lembram carinhosamente dos sonhos de sua juventude, e perdoariam os vossos, tanto mais quanto estivessem convencidos que com a mesma experiência e sob a influência da mesma realidade vocês não tardariam, sem dúvidas, a se tornar ainda mais malfeitores do que eles.

O que eles não vos perdoarão jamais é que vocês não queiram ser nem ladrões, nem sonhadores. Vocês desprezam tanto esse mundo odioso cuja realidade vos oprime quanto o mundo ideal que até agora serviu de refúgio às almas puras, contra as infâmias da realidade. Isto é o que assusta nossa literatura patriótica. Ela não sabe nem o que vocês querem, nem para onde vão.

Em sua consternação, os senhores redatores dos jornais de São Peterburgo e de Moscou encontraram um viés, eles decidiram unanimemente que o atual movimento da juventude russa tem sua origem nas intrigas polonesas. Não se poderia imaginar nada mais covarde, nem mais estúpido!

Não é uma infâmia e cruel covardia incitar o carrasco contra a vítima que tortura? E, por outro lado, é preciso ser verdadeiramente estúpido para não ver o abismo que separa o programa da grande maioria dos patriotas poloneses do programa de nossa juventude, representante da ideia socialista e revolucionária do povo russo.

Entre a maioria dos patriotas poloneses e nós, há apenas um sentimento e objetivo em comum: o ódio pelo Império de todas as Rússias e a firme vontade de destruí-lo por qualquer meio e o mais rápido possível. Este é o único ponto em que estamos de acordo. Mais um passo a frente, e entre nós se abre o abismo: nós queremos a abolição definitiva de tudo o que constitui o Estado, tanto na Rússia como fora dela; e os poloneses trabalham apenas pela reconstituição de seu Estado histórico.

Em nossa opinião, o sonho dos poloneses não é bom. Porque cada Estado, por mais liberais e democráticas que sejam suas formas, esmaga as massas populares que

trabalham, em benefício de uma minoria que não trabalha. Os poloneses sonham o impossível, porque no futuro os Estados não se reconstituirão, eles cairão, destruídos pela emancipação dessas massas; sem o saberem e sem o quererem, sem dúvidas, eles sonham com uma nova escravidão de seu povo; e se conseguirem a realização desse sonho, não pela força popular, que não se prestaria a isso sem dúvida, mas com a ajuda das baionetas estrangeiras, eles se tornarão tanto nossos inimigos quanto opressores de seu povo.

Nós os combateremos então em nome da revolução social e da liberdade de todo o mundo. Mas até lá somos seus amigos e devemos ajudá-los, porque sua causa, aquela da destruição do Império de todas as Rússias, é também a nossa causa.

Para os povos russos e não russos, aprisionados hoje no Império de todas as Rússias, não há inimigo mais poderoso, mais mortal, que o próprio Império.

Os patriotas poloneses jamais compreenderam isso, e é por isso que sua influência sobre o movimento revolucionário russo sempre foi nula. É uma pena, porque seria evidentemente vantajoso para eles como para nós se merecêssemos realmente a calúnia da imprensa russa, e deveríamos nos dar bem, nem que fosse apenas pelo primeiro ato da tragédia eslava que se anuncia; o que não nos teria impedido de nos separarmos e nos combatermos se necessário nos três atos seguintes, salvo para nos reconciliarmos no quinto.

Não, não é a influência das intrigas polonesas, é uma força bem mais gigantesca que levanta e agita a juventude russa: é o despertar da vida popular.

O reinado atual tem uma semelhança notável com o do czar Alexis, pai de Pedro o Grande, e que apesar de sua bonomia histórica, saqueou e atordoou o povo, para a maior glória do Estado e em benefício do nobres e burocratas, assim como o faz hoje o suposto emancipador dos camponeses, o excelente Imperador Alexandre II.

Tanto então como agora, o infeliz povo, esmagado, torturado, reduzido à última miséria e dizimado pela fome, abandonou suas aldeias e se refugiou nas florestas. Hoje, como então, toda essa imensa população percebe enfim a fraude imperial, se agita, à espera de sua emancipação desde baixo, pela via que lhe foi indicada, há apenas dois séculos, por seu herói STENKA RAZIN².

² Para explicar esta figura gigantesca de Stenka-Razin e o segredo de sua imensa popularidade, deveríamos primeiro ter dado uma ideia da situação em que o povo russo se encontrava no século XVII. Para entender esta situação, é necessário saber que, até o final do século XVI, este povo era livre e que foi somente na última década deste século que os camponeses, que até então haviam conservado a liberdade de movimento, se viram aprisionados à terra.

A ideia tradicional e que constitui ainda hoje a base da consciência popular na Rússia é que toda a terra pertence ao povo. A outra ideia, igualmente antiga, é que o povo deve administrar seus próprios assuntos de acordo com as resoluções de suas assembleias comunais, nas quais participam todos os chefes de família.

Estas duas ideias estão tão profundamente enraizadas na consciência do povo russo que, apesar dos três séculos de escravidão por que passaram, elas permanecem intactas até hoje. Elas serão a própria base de sua próxima organização política.

O povo russo, profundamente socialista, tanto por instinto como por tradição, carece de educação política. Isto explica como, de sua liberdade anterior, se pode fazê-los escravos.

Ao contrário do que aconteceu no Ocidente, onde o poder monárquico se desenvolveu pela aliança da coroa com o povo contra a nobreza proprietária, na Rússia ele foi fundado pela aliança da coroa, da

Sentimos a aproximação de um novo encontro sangrento, de uma última luta de morte entre a Rússia popular e o Estado.

Quem irá triunfar desta vez? O povo, sem dúvida. Stenka Razin foi um herói, mas estava sozinho entre todos e acima de todos. O seu poder pessoal, verdadeiramente gigantesco, era ainda insuficiente para resistir ao poder já amplamente organizado do Estado. Ele pereceu, e tudo pereceu com ele. Hoje será diferente. Provavelmente não haverá um herói tão poderoso ou tão popular como Stenka Razin, que tinha concentrado toda a força das massas revoltadas em sua pessoa apenas. Mas ele será substituído por esta legião de jovens homens desclassados e sem nome, que agora já vivem a vida popular e que permanecem unidos entre si pelo mesmo pensamento e a mesma paixão, e por um objetivo comum.

A união desta juventude com o povo, eis a garantia do triunfo popular.

Esta juventude é inabalável e forte apenas porque retira os seus pensamentos e a sua vontade implacável da paixão do povo. Ela busca não seu próprio triunfo, mas o triunfo do povo. Stenka Razin sente-se atrás deles. Não o herói pessoal, mas o coletivo e,

nobreza e do clero contra o povo. Isto também explica porque a nobreza e o clero russos sempre permaneceram os escravos voluntários do Czar que, como recompensa, lhes garantiu a escravidão dos camponeses, e porque, ao contrário, o povo sempre foi, como ainda hoje, o único verdadeiro e sério revolucionário na Rússia.

As comunas se levantaram em massa contra a tirania do czar, do clero, da nobreza e da burocracia moscovitas, nos primeiros anos do século XVII, e esta memorável revolução não conseguiu destruir o Império. Ele foi reconstituído pela eleição livre de um novo czar, cujo filho, o czar Alexis (1645-1676), esquecendo todas as promessas feitas por seu pai, mergulhou o povo e especialmente os camponeses russos em uma escravidão da qual até então não tinham sequer ideia. Foi no meio de seu reinado que eclodiu a célebre revolta de Stenka-Razin.

Stenka-Razin era um homem notável de inteligência e vontade. Ele era um homem de ferro, não conhecendo misericórdia nem para si mesmo nem para os outros. Ele não era nada além de um simples cossaco do Don. Seu pai havia sido enforcado pelo príncipe Dolgoruki, comandante de um exército moscovita contra a Polónia. Stenka-Razin fugiu para o Volga em 1667. Lá ele formou um bando com quem navegou até o Mar Cáspio, saqueou a costa da Pérsia e retornou ao Don rico com todo seu saque.

Em 1670 ele voltou ao Volga e declarou uma guerra até a morte contra toda a nobreza, burocracia e clero, e proclamou a liberdade dos camponeses com posse plena da terra. Todo o povo entre o Oka e o Volga se uniu a ele, matando todos os nobres, os funcionários do Czar e os padres. Em pouco tempo, Stenka-Razin havia tomado Astrachan, Zarizin, Saratoff. Seu procedimento foi o mais simples: ele massacrou todos os que não eram do povo, deixando a estes últimos a tarefa de tomar a terra e cultivá-la por conta própria. Onde quer que ele tivesse ocupado a terra, a comuna livre dos camponeses possuidora toda a terra se levantava e se organizava.

Quando Razin derrotou as tropas regulares, sua primeira preocupação era que todos os oficiais fossem mortos pelos próprios soldados. Ele disse aos soldados que não estava fazendo guerra contra eles; eles estavam livres para se juntar a ele, livres para ir. Mas quando eles partissem, ele os mandaria perseguir e massacrar.

- Onde quer que ele viesse, ele primeiramente queimaria todos os atos, todos os papéis do Czar; mas, como vimos, ele também não poupou os homens. Ele não era nada religioso; quando era censurado por matar padres, ele respondia: "Ei, para que vocês precisam de padres? Se querem se casar, dê três voltas ao redor de uma árvore e o assunto está encerrado". Por outro lado, ele foi um poeta; ele fez magníficas canções de ladrões que ainda são cantadas no Volga e em toda a Rússia. Preso em 1671, ele foi levado para Moscou, onde o povo o havia esperado como libertador, e depois de ser torturado, foi decapitado. Durante torturas mais horrendas, ele sequer gritou. Era uma natureza férrea. Ele é ainda hoje o maior herói da lenda popular.

O povo russo supersticioso, mas não religioso, e supersticioso somente quando a superstição coincide com seus desejos, aguarda seu retorno em 1870.

portanto, invencível. Será toda esta magnífica juventude reunida e sobre a qual o seu espírito já paira.

Este é o verdadeiro significado do movimento atual, em aparência bastante inocente e que, apesar deste semblante de inocência, lança à consternação todo o nosso mundo oficial, oficioso e patrioticamente literário.

Amigos! Abandonem o mais rápido possível esse mundo condenado à destruição. Abandonem essas universidades, essas academias, essas escolas que agora os expulsam e nas quais nunca se buscou nada além de separá-los do povo. Vão ao povo. Nele deve estar sua carreira, sua vida, sua ciência. Aprendam em meio a essas massas com as mãos calejadas pelo trabalho como vocês devem servir à causa do povo. E lembrem-se bem, irmãos, que a juventude letrada não deve ser nem o mestre, nem o protetor, nem o benfeitor, nem o ditador do povo, mas apenas o parteiro de sua emancipação espontânea, o unificador e o organizador dos esforços e de todas as forças populares.

Não se preocupem neste momento com a ciência em nome da qual gostariam de prende-los, castrá-los. Essa ciência oficial deve morrer com o mundo que ela exprime e que ela serve; e em seu lugar, uma ciência nova, racional e viva, surgirá, depois da vitória do povo, das próprias profundezas da vida popular liberta de suas correntes.

Esta é a fé dos melhores homens do Ocidente, onde, como na Rússia, o velho mundo dos Estados fundados na religião, na metafísica, na jurisprudência, na civilização burguesa em uma palavra, com seu complemento indispensável: o direito da propriedade hereditária e da família jurídica está em colapso, preparando-se para dar lugar ao mundo internacional e livremente organizado dos trabalhadores.

É uma mentira dizer que a Europa permanece enterrada em um sono profundo, ao contrário, ela se levanta, e é preciso ser verdadeiramente surdo e cego para não sentir as aproximações de uma luta suprema.

Organizando esta luta e dando as mãos através das fronteiras de todos os Estados, o mundo dos trabalhadores da Europa e da América vos chama para uma aliança fraternal.

Mikhail Bakunin

Genebra, maio de 1869 #